
Fátima Alves, Bárbara Bäckström e João Sedas Nunes

Editorial

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrónica

Fátima Alves, Bárbara Bäckström e João Sedas Nunes, « Editorial », *Forum Sociológico* [Online], 22 | 2013, posto online no dia 26 Fevereiro 2013, consultado o 28 Fevereiro 2013. URL : <http://sociologico.revues.org/704>

Editor: CESNOVA

<http://sociologico.revues.org>

<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://sociologico.revues.org/704>

Documento gerado automaticamente no dia 28 Fevereiro 2013.

© CESNOVA

Fátima Alves, Bárbara Bäckström e João Sedas Nunes

Editorial

Paginação da edição em papel : p. 7-10

- 1 O dossiê intitulado *Saúde e Multiculturalidade* que abre este número, coordenado por Fátima Alves (fatimaa@uab.pt) e Bárbara Bäckström (barbarab@uab.pt), do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta, avulta a premissa de que as sociedades contemporâneas, caracterizadas por rápidas e profundas transformações cujos impactos sociais urge compreender, têm vindo a produzir inseguranças e novas formas de desigualdade social que tornam necessário reequacionar o papel do Estado, do mercado e da comunidade na resposta aos problemas de saúde das populações. Em consequência, abrangem-se várias dimensões da saúde e da doença nas sociedades contemporâneas em diferentes contextos, colocando em evidência os desafios da saúde nas comunidades caracterizadas por uma forte componente multicultural. Procura-se assim contribuir para problematizar o papel dos conhecimentos plurais em presença, das organizações com os seus profissionais e os seus públicos e das cidadanias que em torno deles se podem construir. Nada disto, importa notar, é estranho à coordenação do dossiê.
- 2 Com efeito, ambas as coordenadoras do dossiê têm vindo, ao longo da última década, a trabalhar nas questões da saúde e da doença do ponto de vista das ciências sociais, tendo ultimamente dedicado especial atenção à necessidade de compreender e interpretar a forma como as culturas expressam a saúde e a doença, como a concebem, a explicam e significam e como lidam com ela. Esta abordagem exige uma compreensão contextualizada da pluralidade de idiomas e racionalidades presentes em espaços crescentemente multiculturais e interculturais. O que constitui um desafio que requer diálogos entre a ciência, com as suas pluralidades internas e externas, com os outros saberes não científicos, as racionalidades leigas. Requer portanto implicações entre agentes diversificados e instituições, que atuam neste campo da saúde, na procura de respostas culturalmente competentes face a uma população cujas características se têm modificado rapidamente dada a afluência de comunidades diversificadas (imigrantes de vários países, grupos étnicos, etc.).
- 3 O relativo desconhecimento da problemática da saúde e da doença em comunidades imigrantes é um tema recorrente e que tem vindo a obter atenção por parte dos cientistas sociais. Os movimentos migratórios têm vindo a ganhar visibilidade no mundo atual. A grande diversidade de países de origem motiva uma igual diversidade de culturas, religiões e sociedades. Portugal não é indiferente a esta vaga de fluxos, os quais, considerados globalmente, se têm intensificado desde os finais do século XIX.
- 4 Hoje é comum a deslocação mais ou menos maciça de pessoas transportando para outros lugares as suas tradições e raízes. Neste particular a Europa Ocidental tem atraído consideráveis fluxos migratórios, de África mas também doutras paragens, por exemplo da Turquia. Neste contexto, a saúde dos imigrantes é referida como sendo pior do que a dos cidadãos europeus, conjectura consolidada na observação das taxas de morbilidade e no tipo de respostas disponíveis em cada país. A migração, realce-se, tem mesmo vindo a ser associada a taxas elevadas de doenças físicas e mentais.
- 5 Em Portugal os fenómenos migratórios vêm assumindo importância crescente. Pela complexidade das relações interculturais que colocam, desafiam quer as políticas sociais e os seus saberes instituídos dominantes da biomedicina e seus profissionais quer as interações sociais quotidianas de seus agentes. A estas diferenças culturais entre imigrantes e autóctones em termos globais vem juntar-se, para o campo da saúde e da doença, a diferença de práticas terapêuticas e de sistemas de saúde que configuram racionalidades particulares, que urge compreender no sentido de criar novas respostas que articulem as potencialidades interculturais em presença. O conhecimento das racionalidades leigas destes grupos constitui um desafio, não apenas às ciências, mas aos serviços e aos seus profissionais. É convicção da coordenação do dossiê que este posicionamento exige que entre esses diversos discursos se

gerem dinâmicas de articulação e paridade assentes no diálogo cada vez mais comprometido entre ciência e sociedade, recriando democracias e “inventando” novas possibilidades de exercício efetivo da cidadania.

- 6 O dossiê é composto por um conjunto de artigos que problematizam este cenário da saúde (física, mental) em contexto intercultural procurando promover o debate de ideias, de conhecimentos e a construção de “mapas” orientadores perante a complexidade em presença. As autoras e os autores dos oito artigos que o integram desenvolvem investigação reconhecida nesta área e, não a esgotando, os seus contributos são preciosos instrumentos para “desocultar” a problemática em análise nas suas múltiplas dimensões. Os vários artigos alertam para a necessidade de compreender a pluralidade de conceções, de sentidos e significados em torno da saúde e da doença e a pluralidade de itinerários terapêuticos construídos para com ela lidar.
- 7 Este dossiê é, por isso, bastante heterogéneo, na medida em que os diversos autores e autoras convocam para o debate a riqueza dos seus diversos patrimónios teóricos e metodológicos, interpelando níveis de análise distintos, na medida em que, todos evocando as complexas relações entre ciência e sociedade, uns se dirigem mais às políticas públicas, outros à sua implementação nas organizações, à atuação profissional, às racionalidades leigas, subjetividades, cidadanias, etc., deixando antever relações assimétricas que se constroem entre estado, mercado e comunidade.
- 8 O artigo que inaugura o dossiê é da autoria de Luísa Ferreira da Silva. Parte da problematização da saúde e da doença enquanto fenómeno social complexo e multifacetado, situando-o na ordem das relações sociais. Neste contexto, é prestada particular atenção às estratégias políticas de intervenção em saúde, desocultando os poderes e os saberes em confronto na abordagem das interculturalidades em presença. Finalmente, detém-se em particular nas racionalidades subjetivo-culturais do saber prático de saúde, revelando a importância dos contextos (estruturais, institucionais e relacionais) onde se vive e experiencia a saúde e a doença e o universo de representações no qual os sujeitos a interpretam e atuam.
- 9 Na sequência deste, o artigo de Chiara Pussetti e Vítor Barros propõe um enquadramento destas relações e tensões no governo do corpo e da saúde, sugerindo uma agenda de investigação em torno das questões da pobreza, do risco, da imigração e da saúde pública, procurando questionar como, a partir de programas de intervenção junto das populações imigrantes, se compatibilizam olhares dicotómicos, polarizados entre vulnerabilidade/risco, com respostas também elas dicotómicas entre assistência/segurança. Neste artigo, onde o campo da saúde e da doença em contexto imigratório é problematizado em múltiplas dimensões, propõe-se uma análise crítica dos impactos da crise na atuação pública revelando a urgência de novas formas de exercício da cidadania e participação.
- 10 De seguida temos o artigo de Beatriz Padilla, Sonia Hernández-Plaza e Alejandra Ortiz, que analisa o recurso às “boas práticas” em saúde e migrações em Portugal, evidenciando a importância da sua análise no estudo das políticas públicas e da atuação privada, entre Estado, mercado e sociedade. Propõem a desconstrução deste tipo de instrumentos, em termos teóricos, práticos, metodológicos, equacionando os seus usos políticos e ideológicos. Para isso apoiam-se na análise do caso concreto da Unidade Móvel de Saúde da Venda Nova, em Portugal.
- 11 Procurando a intersecção entre religião e saúde para a compreensão dos itinerários terapêuticos e dos espaços religiosos como locais de promoção da saúde, cura da doença e de promoção da cidadania, o texto de Ana Cristina de Souza Mandarinó, Alexnaldo Neves de Jesus, Sandra Regina Passy e Estélio Gomberg propõe-nos uma leitura das relações que se estabelecem entre estes dois campos – da religião e da saúde –, reveladoras das complexidades das culturas em presença que se jogam em contexto de terreiros de candomblé, na Bahia e Sergipe, no Brasil. Analisam com pormenor os processos religiosos capazes de fornecer sentidos vários para a doença, o adoecer, os processos de cura e para a saúde, destacando a complementaridade e intersecção entre religião, medicina e sociedade.
- 12 Nesta linha de procura de compreensões sobre os itinerários terapêuticos e as trajetórias de saúde e de doença que se constroem entre a medicina oficial e as outras medicinas e outras terapêuticas, o artigo de Maria Adelina Henriques problematiza a imigração para Portugal por questões de saúde, procurando mostrar todos os processos que se definem entre o vir, o

permanecer e o voltar, enaltecendo a importância da compreensão dos processos interculturais em presença.

- 13 Procurando identificar as diversas dificuldades que os profissionais de saúde enfrentam ao lidar com populações imigrantes, Rita Rodrigues e Sónia Dias apresentam-nos um artigo onde o encontro com a diferença no contexto da prestação de cuidados aos imigrantes é evidenciado. Partem do contexto relacional estruturado em torno das características dos sistemas de saúde, das especificidades dos utentes e das atitudes dos profissionais, tentando identificar nestas os elementos que se refletem no atendimento e prática clínica: seja ao nível do diagnóstico, seja ao nível da prescrição.
- 14 A importância da competência cultural é aprofundada por Cristina Santinho no artigo em que analisa o atendimento de saúde a refugiados e requerentes de asilo em Portugal. A autora analisa criticamente a distância das perceções de doença, sofrimento e corpo entre estes refugiados e a medicina hegemónica que é praticada em Portugal, evidenciando, além das barreiras linguísticas, as barreiras culturais e sociais, deixando antever a não integração da pluralidade de sistemas convocados por estas populações para enfrentar a saúde e a doença. Analisa criticamente as implicações da falta de competência cultural entre os profissionais, apontando a falta de formação atenta à diversidade social, de género e cultural e as dificuldades de perceber as necessidades destas populações, potenciando desta forma o agravamento da saúde física e mental e colocando barreiras à integração. Por fim, neste artigo a autora ressalta a importância da competência cultural, de onde destaca a escuta e compreensão em profundidade atenta ao ponto de vista dos sujeitos em relação ao seu próprio sofrimento.
- 15 Seguindo a reflexão em torno da compreensão do outro, da sua subjetividade, do seu próprio ponto de vista, Elsa Lechner fecha com chave de ouro o dossiê. Constrói uma reflexão sobre os sentidos e os significados dos silêncios e dos silenciamentos a partir de um terreno etnográfico, revelando as propriedades heurísticas da discussão dos modelos de sociedade, confrontando racionalidades, poderes, saberes e desigualdades que permeiam os diálogos dominantes entre migrantes, autóctones e Estado. Simultaneamente coloca em evidência as potencialidades da pesquisa biográfica enquanto metodologia que permite ter acesso à compreensão do diálogo intercultural, onde os silêncios e os silenciamentos encontram sentidos que é necessário compreender e integrar na análise das situações singulares, procurando ver, para além das palavras, os silêncios que fazem corpo. Constitui por isso mesmo um artigo que desafia as epistemologias, entre as hegemonias e as pluralidades, abrindo “brechas” importantes para refletir sobre o edifício da psiquiatria, da ciência moderna e da nossa sociedade.
- 16 A expectativa da coordenação do dossiê, importa clarificar, é que os artigos nele reunidos permitam o aprofundamento de compreensões contextualizadas, críticas e reflexivas, simultaneamente teóricas e práticas, para as problemáticas da saúde e da doença, tomadas enquanto facto social e cultural, dando especial ênfase à restituição das atitudes e dos comportamentos (suas dimensões globais e locais) do ponto de vista das multiculturalidades e interculturalidades. A este espectro alargado de conteúdo corresponde, por seu turno, um público-alvo diversificado de cientistas sociais, profissionais de saúde, trabalhadores sociais, estudantes de graduação e pós-graduação, especialmente da área das ciências da saúde e, ainda, das migrações e relações interculturais.
- 17 Já fora do dossiê encontra-se um texto de Alexandre Cotovio Martins em que é a própria atividade crítica a que a medicina se presta que se torna o objeto a sujeitar a restituição científica. Com fineza analítica, o autor empenha-se em mostrar que na *crítica* desenvolvida pelos médicos que defendem abordagens ao desempenho profissional firmados nos cuidados paliativos (no doente em vez da doença; na singularidade do sofrimento em vez da generalidade da patologia) converge um trabalho de *revelação pública de um sentido moral autónomo* e de *translação* desse sentido moral para um regime de ação mais geral, constituindo, do mesmo passo, um *modo de enquadramento e definição* que pauta um processo de (autor)reconhecimento de um coletivo profissional justamente crítico das práticas tradicionais (industriais) vigentes na medicina portuguesa.
- 18 Ainda que a singularidade volte a estar em foco no texto de Alice Duarte, esta autora traz-nos um (duplo) problema bem diferente: que mecanismos tornam possível que a dádiva

contemporânea que corre entre gente filiada se produza sobre mercadorias massificadas e, assim, estas repercutam no sujeito que oferece valorizando-o? A autora centra-se assim na identificação dos padrões e códigos culturais que permeiam o ato de presentear, alteando a complexidade/subtileza das aptidões que os exprimem/acionam.

19 Também José Augusto dos Santos Alves tem em vista mercadorias (a telenovela e o telemóvel) e o engrandecimento individual, simplesmente encara aquelas como signos consumíveis de uma distinção forjada que permite a quem os detém ou deles se apropria urdir-se em simulacros (autoconvincentes) de repúdio da condição de zé-ninguém que é a figura adversativa criada pela *peopolização*, isto é, o regime ingénuo, associado a situações de baixo capital informacional, no qual a celebridade representa o expoente máximo da realização pessoal e do êxito social. É pois ao exame das propriedades mágicas dessas mercadorias e dos processos nos quais se artilham que o autor nos solicita que o acompanhemos.

20 Radicando no cotejo entre perspetivas sociológicas, M. Benedita Portugal e Melo, por seu lado, ensaia (literalmente) uma digressão crítica pelas noções de reflexividade pessoal e institucional construídas por Anthony Giddens, valendo-se, para tanto, da teoria da prática de Pierre Bourdieu, muito particularmente daquela parte em que o falecido autor de *Le Sens Pratique* disserta sobre os limites da agencialidade humana (incluindo a discursiva), condicionada “de dentro” pelos arbitrários culturais interiorizados *via* a exposição a condições sociais particulares. Essa indexação autoriza a crítica da noção de reflexividade discursiva de Giddens, contrapondo-lhe a de reflexividade “simbólico-ideológica”, base, por sua vez, para seccionar as modalidades reflexivas emergentes na modernidade avançada e o respectivo espaço de possíveis. Atando-lhe a questão da segurança ontológica (o que significa até certo ponto pôr “Giddens contra Giddens”), essa é condição para, entre outros aspetos a decifrar, entender por que razão a razão científica, não obstante constitua a forma simbólica emblemática do espírito moderno, na prática dificilmente integra o senso vulgar, e até pericial, logo a reflexividade institucional.

21 Também no registo ensaístico, Maria de Lurdes Fonseca encaminha-nos para os contributos (ou os principais subsídios teórico-concetuais) da Sociologia e da Economia para uma teoria do autorrecrutamento ocupacional, sistematizando os principais racionais que foram sendo propostos desde os anos 30 do século passado para a sua explicação. Empreitada de fôlego (para não dizer ingrata), quanto mais não seja pelo arco temporal que recobre, cumpre desde logo um dos principais mandamentos da sociologia: transformar as evidências em enigmas que precisam de solução, mesmo que essas evidências revistam a forma de teoria ou conceito em uso (em tendência acrítico) na própria prática sociológica. Partindo dessa tarefa, o exercício constitui-se como uma espécie de *estado das duas artes* – económica e sociológica – sobre o autorrecrutamento ocupacional, procurando, mais do que confluir numa tentativa de teoria síntese imediata, abrir para articulações teóricas que até hoje não foram devidamente consideradas. A remissão à escassez empírica colma a justificativa do título do texto: é de preliminares de uma (renovada) teoria do autorrecrutamento ocupacional que se trata.

22 O último texto deste número, publicado com a chancela de documento, assinado por Nelma Baldin e Cristina Albuquerque, versa a cidadania ecológica que toma forma e se densifica nas “sociedades de risco”. Combinando os registos analítico e normativo, as autoras propõem um cotejo das conceções periciais e institucionais da cidadania ecológica naquelas que, acopladas a práticas com as quais estabelecem relações tensionais, grassam entre dirigentes estudantis com o propósito de evidenciar as carências do entendimento que “aposta” exclusivamente na responsabilidade individual para suscitar a implicação ecológica dos indivíduos. Segundo as autoras, enquanto relação social, a (desejada) eficácia desta não pode ignorar as suas próprias determinantes sócio-simbólicas e as esferas de vida social nas quais estas se geram.

Para citar este artigo

Referência eletrónica

Fátima Alves, Bárbara Bäckström e João Sedas Nunes, « Editorial », *Forum Sociológico* [Online], 22 | 2013, posto online no dia 26 Fevereiro 2013, consultado o 28 Fevereiro 2013. URL : <http://sociologico.revues.org/704>

Referência do documento impresso

Fátima Alves, Bárbara Bäckström e João Sedas Nunes, « Editorial », *Forum Sociológico*, 22 | -1, 7-10.

Direitos de autor

© CESNOVA
